

Um Nobel, um Pulitzer e um Pessoa, no Festival Literário da Madeira

O Festival Literário da Madeira abre amanhã, com a jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Alexievich, Nobel da Literatura, e fecha no final da semana com o Prémio Pessoa Frederico Lourenço e o norte-americano Adam Johnson, vencedor do Pulitzer.

Organizado pela Eventos Culturais do Atlântico, o Festival Literário da Madeira é este ano dedicado ao tema 'Literatura e a Web - entre o medo e a liberdade', tendo como palco o Teatro Municipal Baltazar Dias, no Funchal.

A sessão de abertura, amanhã, conta com Svetlana Alexievich, numa conversa com o jornalista Luís Caetano, da Antena2, que toma a experiência da autora, dos testemunhos que procurou e recolheu ao longo do seu percurso - testemunhos de guerra, de morte e de destruição, testemunhos de sobrevivência - para a pergunta que norteia o encontro: "Haverá algo mais assustador do que o homem?"

Svetlana Alexievich foi distinguida em 2015 com o Nobel da Literatura, destacando então a Academia Sueca a sua "escrita polifónica", em que as vozes das testemunhas se multiplicam, como "um monumento ao sofrimento e à coragem no nosso tempo".

O encerramento do festival, no dia 18, conta com o escritor norte-americano Adam Johnson, numa conversa com o jornalista e escritor português

Miguel Sousa Tavares, moderada pelo jornalista Paulo Moura. Adam Johnson venceu o Prémio Pulitzer de Ficção, em 2013, pelo romance 'Vida Roubada' ('The Orphan Master's Son').

Os angolanos Pepetela, Prémio Camões em 1997, e Ondjaki, Prémio José Saramago e Prémio Jabuti Juvenil, bem como o jornalista Fernando Alves, marcam o programa do segundo dia, numa conversa que toma por lema uma citação do

ESTE ANO É DEDICADO AO TEMA 'LITERATURA E A WEB - ENTRE O MEDO E A LIBERDADE'

autor de 'Yaka': "Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios".

Os dois escritores voltam a encontrar-se na quinta-feira, 16 de Março, desta vez com o jornalista João Céu e Silva, para discutirem a partir da 'máxima' do seicentista inglês John Milton, o autor de 'Paraíso Perdido': "A solidão é por vezes a melhor sociedade".

Na quinta-feira destacam-se os dois encontros de Valter Hugo Mãe, Prémio José Saramago e Grande Prémio Portugal Telecom 2012, com Marcelino Freire, Prémio Jabuti e Prémio Machado de Assis, do Brasil.

Um aforismo de Millôr Fernandes é o ponto de partida do primeiro encontro - "a nossa liberdade começa onde podemos impedir a do outro" -, enquanto o autor de '1984', George Orwell, fornece o pretexto do segundo - "Se queres manter um segredo, tens de escondê-lo de ti mesmo".

Os poetas Pedro Mexia e Daniel Jonas, Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes, da Associação Portu-

guesa de Escritores, conversam na sexta-feira, dia 17, a partir da ideia de que "ser deixado sozinho é a coisa mais preciosa que se pode pedir do mundo moderno", uma frase do britânico Anthony Burgess, autor de 'Laranja mecânica' e '1985'.

No último dia de encontros, sábado, 18 de Março, além da sessão de encerramento com Adam Johnson, há mais duas sessões com escritores.

A primeira reúne Frederico Lourenço, Prémio Pessoa 2016, ao sociólogo Víriato Soromenho-Marques, numa conversa a partir de um versículo das epístolas de São Paulo aos Coríntios, "tudo me é permitido, mas não me deixarei ser controlado por nada".

A segunda junta a escritora irlandesa Eimear McBride, prémio Goldsmith 2016, autora de 'Uma rapariga é uma coisa inacabada', a Tatiana Salem Levy, nascida em Lisboa, que escreveu 'A Chave de Casa' e o 'Paraíso', para conversarem a partir da certeza do escritor de origem argentina Julio Cortázar de que "a linguagem é uma das prisões mais terríveis e está sempre à nossa espera".

A organização do festival destaca ainda o concerto de Teresa Salgueiro, 'Horizonte', na sexta-feira, no Teatro Municipal Baltazar Dias, e recorda que, "à semelhança das edições anteriores, estão previstas idas a escolas" dos diferentes autores, ao longo da semana.



O Festival Literário da Madeira abre amanhã, com a jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Alexievich.
FOTO DR